

## MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES

### A luta contra a violència de género

Em 1995 celebrou-se no Quebec umha marcha das mulheres contra a pobreza; esta iniciativa, que partiu da Fédération des Femmes du Québec, tivo um grande sucesso e conseguiu mobilizar ao conjunto do movimento feminista, assim xurdiu a ideia de realizar umha Marcha Mundial das Mulheres a nivel internacional. Em Outubro de 1998 reunirom-se em Montreal umhas 140 representantes de 65 países e adoptarom-se os dous grandes objectivos da Marcha: a luta contra a pobreza e a violència contra as mulheres. O que num princípio eram um conjunto de mobilizaçons que começariam o 8 de Março e finalizariam o 17 de Outubro do 2000 rematou no que hoje segue a ser a Marcha Mundial das Mulheres, um movimento internacional de açõs feministas que reune mulheres, grupos e organizaçons de base que luitam para eliminar as causas que originam a violència contra as mulheres e a pobreza em todo o mundo. Fortalecer um movimento de solidariedade entre todas as mulheres, promover a igualdade e a justiça entre mulheres e homes assim como ejercer pressõs políticas sobre os governos e as instituiçons para que levem a cabo as mudanças necessárias para melhorar as condiçons e a calidade de vida das mulheres som alguns dos nossos objectivos. O resultado é que neste momento estamos participando mais de 5000 organizaçons de mulheres duns 157 países, o que significa umha mobilizaçom sem precedentes na história do movimento de mulheres assim como dos movimentos sociais.

As manifestaçons da violència contra as mulheres podem mudar dum país a outro segundo as diferentes culturas, religions, sistemas políticos ou económicos, mas em todo o mundo as mulheres som assassinadas, violadas e maltratadas. Sabemos que a origem e raiz da violència de género está no sistema patriarcal, um sistema de valores, normas e estruturas no que o controlo da sociedade está em maos masculinas, que coloca às mulheres numha situaçom de inferioridade e no que se mantem a ideia de que somos cidadás de segunda categoria, que há direitos que nom nos correspondem e nom podemos mudar esta situaçom, mas sim podemos. É o movimento feminista quem dia tras dia tem que lembrar que se está a manter esta situaçom injusta na sociedade, na política, na economia, no mundo laboral, cultural e académico, mas somos também

nós quem temos que dizer que se pode rematar com esta desigualdade, que as mulheres, que o conjunto da sociedade somos quem de fazê-lo.

No ano 2000, 36 organizaçõs de mulheres conformamos umha plataforma, a Marcha Mundial das Mulheres na Galiza, e aínda tendo diferencas, respeitando a diversidade das diferentes organizaçõs do movimento feminista na Galiza conseguimos unir-nos ao redor de dous obxectivos internacionais desta plataforma: a luta contra da pobreza e a luta contra a violência de género. Desde entom a Marcha tem umha actividade estável e continuada, isto reflicte a capacidade que temos as mulheres de organizar-nos, debater, chegar a acordos, convocar mobilizaçõs unitárias, expressar solidariedade e ofrecer alternativas à situaçom de opressom que estamos a viver.

No mesmo ano a Marcha galega elaborou umha tabela reivindicativa própria na que recolhemos, entre outras medidas, aquelas que achamos fundamentais para rematar com a violência de género, muitas delas seguem sem levar-se a cabo por parte das administraçõs, mas algunhas, graças à pressom social e à iniciativa do movimento feminista, tenhem-se conseguido.

Durante o ano 2002 desde a Marcha Mundial das Mulheres exigimos a criaçom dumha lei galega contra a violência de género, ante a pasividade do Governo galego naquela altura, elaboramos um rascunho de lei que pretendiamos apresentar no Parlamento galego como proposiçom de Lei de Iniciativa Legislativa Popular. Neste rascunho recolhiamos medidas concretas de caracter preventivo nas que avaliavamos com fundamental introducir modificaçõs no sistema educativo com o fim de conseguir umha educaçom nom sexista que perpetua a separaçom de roles tradicionais para mulheres e homes, pois achamos que um dos jeitos mais efectivos para rematar com a violência é educar para a igualdade; medidas de luta contra a pobreza que perseguiam dar maior cobertura tanto às mulheres que sofrem violência dentro das unidades de convivência como do mercado de trabalho; propostas para que desde as diferentes administraçõs se garanta em todos os ámbitos umha perspectiva de género, propostas procesais, judiciais e de atençom às vítimas, prestando especial atençom à situaçom das mulheres com discapacidades e das mulheres em prissom que sofrem violência; sem esquecer falar do papel dos meios de comunicaçom e da importância da mensagem que se expom à sociedade através deles. Tivemos que esperar quatro anos para ver como se tramita finalmente umha 'lei galega para a prevençom e tratamento integral da violência de género', da que esperamos que conte com todos os meios necessários para poder desenvolver-se.

A influéncia dos meios de comunicaçom na sociedade está fora de toda dúvida, desde os meios lançam-se cada dia mensagens, ideias, titulares e imagens que ficam em maior ou menor medida em todas e todos

nós, e é por isto que não podem esquecer a responsabilidade que têm pela sua capacidade de mudar as coisas, ou de mantê-las. Desde o movimento feminista levamos anos exigindo dos meios um tratamento profissional e desde o respeito nos casos de violência de género, e temos avançado muito neste sentido. Mas ainda botamos em falta uma maior implicação e conhecimento profundo do que significa a violência contra as mulheres, um seguimento e análises que valiam mais além dumha informação pontual. Apesar dos avanços, vemos ainda em muitas ocasiões como se fala dos casos de violência como se fossem feitos isolados, mudando apenas a linguagem referindo-se ao termo violência de género para contabilizar o número de vítimas. Os meios de comunicação são uma plataforma muito importante para chegar à sociedade reflexões sobre as causas da violência, não só para chegar dados, novas concretas ou estatísticas senão também para dar uma visão mais ampla do que significa e das múltiplas formas nas que pode dar-se, incluindo a violência física, psicológica e as agressões sexuais, pois para rematar com todas estas manifestações de violência contra as mulheres não é suficiente fazê-la visível, é preciso analisar o seu porquê em profundidade.

As mulheres não são protagonistas nos meios de comunicação, na maior parte dos casos nos que se nomeia a uma mulher trata-se de sucessos nos que temos o papel de vítimas, mas depois de contar a sua situação e muito difícil poder saber que opinião têm ou como reagem ante o que lhes está acontecendo, um exemplo muito claro é a visão que se dá desde os meios das mulheres que sofrem uma guerra, onde sempre vemos milhares de imagens e escutamos ou lemos análises que nos dizem o que está a ocorrer e mesmo porquê está a ocorrer mas apenas podemos escutar como vivem elas essa situação, contar em primeira pessoa o que se está a passar e muito menos aparecer como parte activa do conflito que pode mudar as coisas. Outro jeito de apresentar às mulheres é respondendo a algum dos papéis tradicionais estabelecidos como o de mãe ou companheira, ou desempenhando tarefas que se nos atribuem historicamente. Mesmo nas ocasiões nas que nada disto ocorre é comum ver como o tratamento que se lhe dá a uma mulher é diferente do que se daria no caso de falar dum homem, não só vemos entrevistas a políticos nas que uma das perguntas seja se pensa que renunciou à sua vida pessoal ou familiar pela sua carreira, ou espaços nos que se analise como tem o cabelo ou o seu gosto no vestir. Devemos rematar com as imagens e estereótipos que nos marginalizam, ridiculizam, discriminam ou perpetuam a divisão de papéis para mulheres e homens, assim como com o uso dumha linguagem sexista que nos invisibiliza.

Seria também muito positivo que os meios de comunicação tivessem em conta o trabalho, conhecimentos e experiência do movimento femi-

nista à hora de focar a informação, muito especialmente nos casos de violência de género. Há umha ausência sistemática do feminismo dos meios como geradoras de opinião, é muito frequente ver como ante um acidente laboral se buscam opiniões no sindicalismo, ou mesmo para falar do câmbio climático no movimento ecologista, mas pola contra, nos casos de violência de género ou de qualquer outro tema relacionado diretamente com os direitos das mulheres nom se considera ao movimento feminista nem criador de ideias e opiniões nem gerador de soluções, muito menos se busca umha perspectiva feminista noutro tipo de debates que se dam a diário. A colaboração entre o feminismo e os meios de comunicação, além de visibilizar as nossas luitas por mudar a sociedade e conquistar assim avances que o som para o conjunto da população, evitaria que desde os meios se caísse em muitas ocasiões num tratamento das novas que em nada nos beneficia nem ajuda a rematar com a violência que sofremos as mulheres.

Nom pode seguir ocorrendo que nos meios de comunicação tenham um espaço quem legitimem dalgum jeito a desigualdade entre mulheres e homes, isto volve-se especialmente grave nos casos de violência de género. Durante toda a história tem havido em todos os âmbitos descurtos, teorias ou actitudes que promovem ou justificam estas situações, ainda os há e desde os meios a actitude nom pode ser de meros observadores, compre que exista denúncia e que se traslade ao conjunto da população um postura clara de rejeitamento.

A *Marcha Mundial das Mulheres* convocou no ano 2000 por primeira vez as mobilizações do 25 de Novembro, 'Dia Internacional de Luita Contra a Violência de Género'. Esse dia saímos à rua numha manifestação unitária dizendo 'O poder das mulheres, a violência de género tem solução', ainda acreditamos nisto e é por isso que neste ano 2006 volveremo-nos mobilizar para que remate já a violência de género, exigindo respeito para as nossas ideias, as nossas decissons, opiniões ou sexualidade, merecemos e exigimos respeito para viver as nossas vidas.

•

*A Marcha Mundial das Mulheres* é uma coordenadora mundial que conta com representação na Galiza. E-mail: [marchagaliza@gmail.com](mailto:marchagaliza@gmail.com).